

## VI

### *A CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA*

Nas praias largas e fartas de Santa Cruz, floresciaam cidades prestigiosas. Com o feudalismo das capitanias, as cidades modernas do litoral do Brasil conheciam já os seus primórdios, destacando-se, entre todas, os núcleos populosos de Salvador e São Vicente, em vista das facilidades encontradas pelos colonizadores, com o auxílio dos Caramurús e dos Ramalhos, que os haviam precedido na ação, junto dos indígenas.

Contudo, Portugal ainda não se decidira a destacar os seus elementos mais valorosos para os trabalhos da colônia, preferindo enviar-lhe criminosos e homens sem escrúpulos. Por toda parte, buscavam os naturais os recantos desconhecidos das florestas remotas, fugindo á escravidão e ás torturas injustificaveis que lhes infligiam os homens brancos, que eles, um dia,



havia acolhido com as mais altas expressões de fraternidade.

O atrito das raças dava ensejo aos quadros mais dolorosos e mais lamentáveis.

Tomé de Souza estava substituído por Duarte da Costa, que, como o primeiro governador geral, trouxera também consigo alguns dos missionários concitados por Ismael ao novo apostolado nas florestas americanas.

Por essa época, os franceses desejaram aproveitar a encantadora beleza da Baía de Guanabara, estabelecendo aí uma feitoria, nos mesmos sítios por onde se havia retemperado Gonçalo Coelho, nos primeiros anos decorridos após o descobrimento. Com a proteção do Almirante Coligny, então favorito do rei Henrique II. de França, Nicolau de Villegaignon aporta á baía maravilhosa em 1555, fundando uma colônia na Ilha de Serecipe, que tomou, mais tarde, o seu nome. Das arvores de Urucumirim, que é hoje a praia elegante do Flamengo, os tambois valentes contemplavam, receosos, a intromissão dos europeus na sua região privilegiada. Mas, Villegaignon, com a sua mentalidade religiosa e honesta, consegue captar a confiança dos naturais, concedendo-lhes o mesmo tratamento dispensado aos seus companheiros. Os indígenas recebem carinhosamente a orientação de Paicolás, tornando-se devotos colaboradores da sua obra.



Enquanto os franceses se vão apoderando da costa, D. Duarte, na Baía, observa os seus movimentos, impossibilitado de adotar quaisquer providencias. A metropole portuguesa não se digna de enviar á colonia distante os elementos necessarios para a sua conservação e defesa. Villegaignon localizado na Guanabara, edifica a sua obra; mas, os padres calvinistas que lhe acompanharam a expedição, inutilizam-lhe, muitas vezes, o trabalho construtivo, com as suas discussões esterilizadoras. Em 1559, regressa á França, no proposito de buscar recursos officiais, sem jamais tornar ao Brasil, ficando os seus compatriotas abandonados na colonia nascente.

Em 1557, havia assumido o governo geral de Santa Cruz, Mem de Sá, que combate, sem treguas, a influencia dos estrangeiros. Com a sua ação, expelle os franceses do Rio de Janeiro, destruindo-lhes as fortificações. Mal, porém, se havia retirado o governador, voltaram os franceses dispersos a reassumir a sua posição na ilha de Serecipe, com o auxilio dos tamoiós, reunidos a esse tempo, na maior confederação indigena que já existiu em terras do Brasil, sob a direção de Cunabebe, contra as perversidades dos colonizadores portugueses. O governador geral reconhece a necessidade de fundar-se uma povoação que aí ficasse como sentinela da costa, afim de eliminar os derradeiros



resquícios das influencias francesas. O grande projeto aguarda ensejo favoravel para a sua concretização. Estacio de Sá, sobrinho do governador, é então incumbido de comandar uma guarnição que ali se conserva, defendendo o reduto; a povoação se reparte em pequenas guarnições de militares, junto ao Pão de Assucar, e numa das numerosas ilhas do golfo esplendido. Os franceses, todavia, unem-se aos indios e Estacio de Sá morre, em 1567, sustentando essas guerras. O combate, em tais circunstancias, assume proporções asperrimas e rudes. Mem de Sá reúne todas as forças disponiveis nas cidades da colonia e ataca todas as fortificações que existiam onde hoje se localizam a praia do Flamengo e a Ilha do Governador, obtendo a mais completa vitoria sobre o inimigo, permitindo, porém, lamentavelmente, que aí se consumassem inauditas crueldades com os vencidos.

Os portuguezes instalam, então, a cidade, que fica definitivamente fundada no morro de São Januario, mais tarde do Castelo. Em homenagem ao martir do Cristianismo, recebeu a cidade o nome de São Sebastião, ficando outro sobrinho do governador na sua administração.

Nas esferas superiores do infinito, Ismael e suas abnegadas falanges choram sobre tão lamentaveis acontecimentos, quais o suplício imposto a João de Bolés, pelos elementos de



mais confiança dos maiores da espiritualidade.

A cidade fica sob a proteção espiritual de Sebastião, o grande filho de Narbonne, martirizado pela sua fé cristã ao tempo de Diocleciano, em 288 da nossa era. Estacio de Sá reúne-se às falanges invisíveis, encarregadas de cooperar no progresso daqueles sítios. Sob as vistas amorosas do desvelado patrono da cidade, desdobra as suas dedicações a favor de sua evolução, entre os núcleos fluorescentes. Muitas vezes, voltou Estacio a se corporificar na Patria do Evangelho, para viver na paisagem predileta dos seus olhos. Sua personalidade aí adquiriu elementos de ciência e de virtude e, ainda há alguns anos, se podia reencontrá-la na figura do grande benemerito do Rio de Janeiro, que foi Osvaldo Cruz.

Depois das lutas sanguinolentas nas praias da baía mais bela do mundo, em que os vícios europeus, com as suas nefandas guerras religiosas, batalhavam entre si, extendendo as suas crueldades até ao Novo Mundo, Ismael considerou a necessidade de estabelecer uma diretriz para a organização económica da terra do Cruzeiro. Após a elaboração desse largos projetos de ação do mundo invisível, o sabio mensageiro do Senhor estabelece as funções de cada região da patria brasileira. Junto do golfo enorme, onde os contornos da paisagem assumem as expressões mais suaves e mais es-

pantosas, reunindo os mais graciosos caprichos da natureza, fixa ele as linhas de uma obra maravilhosa, que será a séde do pensamento brasileiro e, mais fundamente, no coração da terra moça e bravia, traceja as plantas magníficas das duas usinas mais poderosas onde se guardará o profundo manancial de suas forças organicas. Os pontos de fixação dessas sagradas balisas são encontrados ao longo dos séculos quilômetros de extensão do Paraíba ao Sul, e nas cabeceiras do São Francisco, cuja corrente deverá lançar, pelo seu percurso de quase três mil quilômetros, todas as sementes da brasilidade mais pura.

Aproveitou Ismael os nucleos orientadores de Piratininga, que se expandiriam, mais tarde, com as audaciosas bandeiras.

A linha do coração do Brasil, até hoje, não se encontra estabelecida.

Ninguém pode negar a hegemonia da intellectualidade carioca e fluminense, desde os tempos em que a cidade de São Sebastião se deramou do Morro do Castelo, invadindo as ilhas, absorvendo as praias extensas e elevando-se pelos outeiros vizinhos. São Paulo e Minas de hoje, foram as regiões escolhidas como as duas fontes poderosas que guardariam o potencial de energias organicas da terra, formando os primeiros indices da etnologia brasileira. As aguas do Paraíba do Sul e as de todo o per-



curso do São Francisco ainda constituem esse roteiro singular, onde se vai conhecer os característicos mais fortes do povo fraternal da terra do Cruzeiro. Cada Estado do Brasil tem a sua função essencial no corpo ciclopico da patria que representa o coração geografico do mundo; mas, em S. Paulo e em Minas Gerais localizaram-se, por uma determinação do invisivel, os elementos indispensaveis á organização da patria esplendida. Ambos serão ainda, por muito tempo, as conchas da balança politica e economica da nacionalidade e os dínamos mais poderosos da sua produção. Obedecendo aos elevados propositos do mundo invisivel, ambos ficaram irmanados junto do cérebro do país, por indefectiveis disposições do determinismo geografico, que os reúne para sempre. Os Espiritos infelizes e perturbados, inimigos da obra de Jesus, mas que serão um dia convertidos ao supremo bem, pela sua infinita piedade, agem de preferencia nos bastidores administrativos dos dois grandes Estados brasileiros, provocando a vaidade dos seus homens publicos, levantando tricas politicas e conduzindo-os, muitas vezes a lutas fraticidas e tenebrosas, no sentido de atrasar os triunfos divinos do Evangelho no coração de todas as almas.

Mas, os devotados obreiros do Além não descansam em sua faina de abnegação e de re-



núncia, e, ainda agora, em 1932, quando um distinto jornalista da atualidade rasgava a bandeira nacional na capital paulista, no seu famoso discurso sem palavras, José de Anchieta, de quem João de Bolés é agora um dedicado colaborador, junto a outros genios espirituais da terra brasileira se reuniam no Colegio de Piratininga, implorando a Jesus derramasse o doce bálsamo da sua humildade sobre o orgulho ferido dos valorosos piratininganos. Ismael estende, então, o seu lábaro de perdão e de concordia sobre os movimentos fraticidas, reunindo de novo os irmãos dos dois grandes Estados centrais do país, para a realização da sua obra do Evangelho.

As fraquezas e vaidades humanas, fermentadas por forças maleficas do mundo, têm separado muitas vezes as coletividades dos dois grandes Estados da Republica, levando-os á inimizade e quase ruina; mas, muito em breve, quando as sombras da confusão dos tempos modernos invadirem ameaçadoramente os céus da patria, ambos compreenderão a imperiosa necessidade de se unirem para sempre, como irmãos muito amados e, novos simbolos de Castor e Pollux, expandirão junto as suas energias étnicas, modeladoras da terra do Evangelho, absorvendo nos seus surtos extraordinarios as expressões excessivamente indiáticas do Amazonas, ao norte, e as influencias platinas nas



planícies do Rio Grande, por cumprirem, de mãos dadas, os imperativos da sua grande missão histórica.

Nesse tempo, que não vem muito longe, as mensagens de fraternidade e de amor, expedidas pelos genios inspiradores do Brasil, do sagrado Collegio de Piratininga tocarão, primeiramente, na corôa de suaves neblinas das montanhas, antes de ascenderem para os céus.